DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: IDENTIFICAÇÃO, AVALIAÇÃO E TRATAMENTO

Thanise Pereira Sprada[1]

Francine Cristine Garghetti[2]

Resumo: Crescem os encaminhamentos de crianças com queixas escolares e de dificuldades de aprendizagem para atendimento psicológico. Esse artigo relata uma investigação realizada nesse contexto, objetivando contribuir na identificação do fluxo e das consequências no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Foi adotada uma abordagem quanti-qualitativa, com delineamento exploratório, descritivo e de levantamento de dados. Os sujeitos da pesquisa foram quatro professores da rede publica em séries iniciais, dois pais/responsáveis com filhos em tratamento psicológico, e um profissional da Psicologia atuante nesta área. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e consulta documental. Como resultado identificou-se a importância do diagnóstico, que em função da demanda e estrutura da rede nem sempre é identificado, bem como a necessidade de esclarecimento aos pais sobre a importância de um tratamento adequado, e a necessidade de integração entre professores, pais e profissionais, garantindo a real inclusão.

.**Palavras-chave:** Dificuldades de aprendizagem. Diagnóstico. Avaliação Psicológica. Tratamento Psicológico. Inclusão.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo complexo, que envolve a pessoa em todas as suas dimensões: afetiva, cognitiva e psicossocial. Sendo que as dificuldades de aprendizagem e queixas escolares são, hoje, as principais causas de encaminhamentos para o atendimento psicológico de crianças.

A presente investigação buscou identificar o fluxo desses encaminhamentos e as principais queixas relacionadas à aprendizagem, além de analisar a influência da avaliação das queixas no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Tendo em vista a importância do encaminhamento, avaliação e diagnóstico, bem como o tratamento e as medidas necessárias para o desenvolvimento escolar e social desta criança, e consequentemente sua inclusão.

[1] Graduanda em Psicologia na Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC CHAPECÓ.

[2] Mestre em Psicologia, psicóloga e professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC CHAPECÓ.

Adotou-se como método a abordagem quantitativa quanto ao número de encaminhamentos e avaliações realizadas, durante o período de janeiro de 2013 a julho de 2014, e abordagem qualitativa para compreender a respeito das dificuldades de aprendizagem, suas formas de identificação, avaliação, diagnóstico e tratamento.

Desta forma, esta pesquisa buscou compreender como estas crianças são tratadas, desde a identificação da dificuldade e encaminhamento, diagnóstico e tratamento, e caracterizar as estratégias utilizadas para uma melhora significativa da qualidade de vida da criança com tal dificuldade.

1 CONTEXTO ESCOLAR E SOCIAL DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Associadas a problemas de natureza comportamentais e emocionais, as dificuldades de aprendizagem são bastante frequentes. De acordo com Stevanatoet al (2003), tais dificuldades influenciam nos problemas escolares, afetando os sentimentos e comportamento das crianças, podendo se expressar de forma interna ou externa.

Desta forma, Santos e Marturano (1999) apontam que as dificuldades de aprendizagem podem ser decorrentes de problemas educacionais ou individuais, bom como ambientais, sendo consideradas como uma condição de vulnerabilidade psicossocial, por desenvolver sentimentos de inferioridade e baixa autoestima, sendo em muitos casos acompanhada de problemas de habilidades sociais, emocionais e de comportamento, que podem afetar de forma negativa o desenvolvimento do individuo.

No contexto social Stevanato et al. (2003) trazem que crianças com dificuldades de aprendizagem, muitas vezes, têm associados problemas de socialização, tendo menos habilidades sociais, problemas estes que persistem por toda a vida acadêmica. Estas crianças tendem a atribuir o fracasso a fatores internos e o sucesso a fatores externos.

Desta forma, segundo Enricone e Goldberg (2007), trabalhar a inclusão dessas crianças que apresentam uma série de dificuldades, valorizando seu potencial positivo, através da compreensão e paciência por parte de profissionais e família é fundamental para que estas se tornem adultos bem sucedidos.

2 APRENDIZAGEM

O conceito de aprendizagem não é simples. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008), existem diversas possibilidades de aprendizagem, onde a psicologia transforma a aprendizagem em um processo a ser investigado. Tradicionalmente a psicologia trabalhou no campo da aprendizagem com duas grandes correntes, as teorias do condicionamento e as teorias cognitivistas, sendo importantes as contribuições de Piaget, Vygotsky, Emilia Ferreiro.

A teoria de Piaget traz que o ser humano é dotado de estruturas biológicas, e uma forma de funcionamento intelectual, ou seja, uma maneira de interagir com o ambiente que o leva a construção de significados (PIAGET, 2002). Para Piaget desenvolvimento intelectual é o resultado da construção de um equilíbrio progressivo entre assimilação e acomodação, tal desenvolvimento propicia o aparecimento de novas estruturas mentais, ou seja, um processo de evolução. Assim o desenvolvimento é condição para a aprendizagem(PIAGET, 2002).

Segundo Vigotski (2007), o desenvolvimento é processual, que se dá de fora para dentro, e a aprendizagem sempre parte das relações entre pessoas, assim as mudanças têm raiz na sociedade e cultura. Desta forma Vigotski aponta que a educação como um processo social sistemático de construção da humanidade, onde a matéria prima do desenvolvimento encontra-se no mundo externo, nos instrumentos culturais construídos pela humanidade, onde o aluno não pode ser visto como alguém que não aprende, a escola torna-se então um lugar de mediação no desafio de ensinar, onde todos têm papéis importantes, o professor sendo a figura fundamental, assim como o colega de classe, o planejamento das atividades, sendo a escola o lugar da construção humana.

Outro ponto importante para a aprendizagem, segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008), que é complexo para a psicologia é a motivação, que esta atribuída na aprendizagem tanto à facilidade quando à dificuldade de aprender. Onde a motivação possui três tipos de variáveis: o ambiente; as forças internas do individuo (necessidade, desejo, vontade, interesse, instinto) e o objeto que atrai o individuo por ser fonte de satisfação de fator interno que o mobiliza.

A teoria bioecológica de Bronfenbrenner destaca muitas influências sobre a aprendizagem, citando a autoconfiança da criança, onde crianças com sentimentos de autoeficiência se esforçam mais conseguindo se destacar; os estilos parentais, com pais que

propiciam ambiente propício para o estudo, auxiliando positivamente nas tarefas, o nível sócio econômico, sendo este um fator de importante influência, o sistema educacional e a cultura são fatores que contribuem para o sucesso ou fracasso no desenvolvimento escolar. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010).

Um ponto importante é apresentando por Carvalho (2011), sobre a deficiência e a dificuldade de aprendizagem, pois segundo o autor, a presença de deficiência não implica necessariamente em dificuldade de aprendizagem, no entanto inúmeros alunos apresentam distúrbios de aprendizagem e não são portadores de deficiência. Verifica-se então, segundo Carvalho (2011), que ambos os grupos têm a necessidade de uma educação especial e da utilização de recursos que auxiliem o desenvolvimento, pois segundo as estatísticas há um grande número de alunos com dificuldades de aprendizagem sem que portem qualquer deficiência mental, física, sensorial ou múltipla.

Sendo assim, segundo Furtado (2010), aprendizagem é um processo complexo, pois envolve a pessoa em todas as suas dimensões: afetiva, cognitiva e psicossocial, implicando em mudanças de formas de comportamentos anteriores, se estabelecendo em alguns casos como um risco ou ameaça. Quanto a risco o autor esclarece que a aprendizagem gera o risco de não se dar conta ou não ser bem sucedido, e para isso se faz necessária a ação motivadora do professor para impulsionar a vontade de aprender.

Furtado (2010) cita o DPA, ou seja, disposição para aprender, colocando que este é o estado emocional em que se encontra uma pessoa diante de uma situação de aprendizagem, e que pode ser favorável ou desfavorável. Dependendo assim de três fatores principais: momento de vida da pessoa, a história pessoal de aprendizagem e a percepção do contexto da aprendizagem.

3 FATORES RELACIONADOS À APRENDIZAGEM

A aprendizagem sempre passa pelo Sistema Nervoso Central, no entanto, segundo Rotta (2006), nem sempre ele é responsável pelo fracasso escolar. Dados apontam que as dificuldades para a aprendizagem podem chegar a 50% e como causas primárias têm-se problemas como a dislexias, discalculias, dispraxias, disgnosias, déficits de atenção e hiperatividade, que

necessitam ser investigados. No entanto não são as únicas causas, devem-se olhar também as causas não primarias como problemas físicos, socioeconômicos e pedagógicos.

De acordo com Sampaio (2011) são inúmeros fatores que podem desencadear problemas ou dificuldades de aprendizagem, entre eles estão: fatores orgânicos, fatores psicológicos e fatores ambientais.

Rotta (2006) aponta para o fato de que as crianças com dificuldades de aprendizagem muitas vezes são diagnosticadas de forma errada, chegando ao atendimento com um pré-diagnóstico. Para tanto o autor coloca que fatores envolvidos nas dificuldades para aprendizagem podem ser divididos em:

- Fatores relacionados com a escola. Para Rotta (2006), nesses fatores estão envolvidas desde as condições físicas do ambiente, as condições pedagógicas e condições do corpo docente no que se refere a motivação, dedicação, qualificação e remuneração adequadas.
- Fatores relacionados com a família. Sendo que a família também deve oferecer condições para o sucesso da aprendizagem, onde fatores como alcoolismo, drogadição, pais desempregados ou comportamento antissocial atingem diretamente a criança. (ROTTA 2006),
- Fatores relacionados com a criança. Rotta (2006) aponta a necessidade de distinguir os problemas físicos em geral, dos problemas psicológicos e problemas neurológicos.

Neste contexto, Rotta (2006) considera que para atender crianças com dificuldades para a aprendizagem se faz necessária uma equipe multidisciplinar, que possa entender a criança como um ser global, e não dividida em pequenas partes, avaliadas e tratadas de forma isolada. Sendo assim, para o diagnóstico devem ser considerados os seguintes fatores: fatores orgânicos, fatores específicos de adequação percepto-motriz e fatores psicogênicos e fatores ambientais.

4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Segundo Fonseca (1984) as dificuldades de aprendizagem representam o maior desafio educacional e clínico, e um contexto inestimável para pesquisas científicas. Um contexto onde todos os atores da educação possuem um conceito muito subjetivo sobre o que é uma criança com dificuldades de aprendizagem. Sendo assim Fonseca (1984) conceitua dificuldade de

aprendizagem como um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da escrita, da leitura e do raciocínio matemático.

Sisto (2001) ressalta que vez ou outra as pessoas sentem algum tipo de dificuldade para aprender alguma coisa durante a vida escolar. Algumas superadas e outras pela pouca importância dada àquele conteúdo passam despercebidas, assim, as razoes das dificuldades de aprendizagem foram e são identificadas por diferentes critérios, que implicam em distintas definições sobre o que realmente poderia ser considerado como dificuldades de aprendizagem. Desta forma segundo Sisto (2001), crianças defasadas em sala de aula, em idade ou em determinadas matérias especificas, que indicam ser crianças mais lentas do que as demais, ou com comportamento inadequado, podem estar na origem da classificação de crianças com dificuldades de aprendizagem.

No Brasil não há estatísticas sobre o fato, porém a quantidade de crianças que não se alfabetizam nem na primeira, nem na segunda série estava estimada em torno 60%, sendo que o ciclo básico e a proposta de não avaliação até a quarta série do Ensino Fundamental retardou esta estatística. Desta forma crianças que não foram alfabetizadas, mas não apresentam dificuldades de aprendizagem, podem estar produzindo o sintoma por causa do processo pelo qual estão passando. (SISTO,2001).

De acordo com Sisto (2001), para muitos autores, dificuldades de aprendizagem significam em qualquer dificuldade observável vivenciada pelo aluno ao acompanhar o ritmo de aprendizagem dos colegas da mesma idade, independente do fator determinante da defasagem. Desta forma, são caracterizados como dificuldades de aprendizagem problemas situacionais de aprendizagem problemas de comportamento, problemas emocionais, de comunicação, físicos e problemas múltiplos (SISTO, 2001).

Para Santo e Marturano (1999), as dificuldades de aprendizagem são visualizadas como uma condição de vulnerabilidade psicossocial, pois a criança com dificuldades de aprendizagem pode desenvolver sentimento de inferioridade e baixa autoestima. Sendo que as dificuldades de aprendizagem são frequentemente acompanhadas de déficits em habilidades sociais e problemas emocionais ou de comportamento.

Sisto (2001) coloca que as dificuldades de aprendizagem podem somente ser entendidas em sua complexa interação com fatores intra e extraescolares. Requerem intervenções tanto no âmbito do aluno, quanto nas praticas pedagógicas, formação de professores, e mudanças de natureza política, econômica e social.

5 O FRACASSO ESCOLAR E A QUEIXA ESCOLAR

No Brasil, segundo Sisto (2001), as dificuldades de aprendizagem são o centro dos problemas do fenômeno de fracasso escolar que é caracterizado por um alto índice de repetição e evasão escolar. De acordo com Souza (1997), o aluno brasileiro permanece em media 8 anos e meio na escola, e apenas três entre cem concluem o primeiro grau sem repetência, sendo que 70% dos alunos de 8ª série estão fora da idade real para o período.

Souza (1997) ressalta que um aluno, ao repetir, terá a oportunidade de refazer ou aprender o que não conseguiu, segundo a lógica da repetência, no entanto, pesquisas apontam que crianças que repetem têm metade das chances de serem aprovadas no próximo ano, desta forma a repetência pode reforçar sua estigmatização, marcando-as como diferentes ou deficientes. Outro dado é o de que a maioria de crianças repetentes ou que se evadem da escola provêm das camadas mais pobres da população.

Segundo Souza (1997), pesquisas apontam que 70% dos encaminhamentos feitos de crianças na faixa de 5 a 14 anos para atendimento psicológico tem como queixa problemas de escolarização, sendo que metade das crianças encaminhadas eram ingressantes cujos professores acreditavam ter problemas de aprendizagem. Onde Souza (1997), que um certo olho clinico do professor, já representa o inicio da responsabilização do aluno pelas dificuldades de aprendizagem.

Sendo desta forma a queixa escolar a principal causa de encaminhamentos, Souza (1997) enfatiza em sua pesquisa que ao analisar a faixa etária das crianças, os problemas se apresentam tanto no início do processo de aprendizagem, mas também em sua continuidade, e com aquelas que estão repetindo o ano. Souza (1997) cita que quando as crianças se encontram no início da alfabetização, essas dificuldades podem significar um conjunto de expectativas escolares em

relação ao aluno, então todo aluno que se desviar do padrão pode ser visto como um problema potencial.

Assim, a base do atendimento psicológico para crianças com queixas de dificuldade de aprendizagem baseia-se na entrevista inicial e anamnese, aplicação de testes, encaminhamento psicoterapêutico e orientação aos pais. É importante também não olhar a queixa escolar como responsabilidade única da criança encaminhada e não considerar o fracasso escolar apenas como processo emocional, sendo necessária a prática de um conjunto de avaliações, desde o social, cultural, passando pelo psíquico, compreendendo a dificuldade apresentada, para se ter um diagnóstico seguro (SOUZA, 1997).

6 FAMÍLIA E ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

De acordo com Polonia e Dessen (2005), o envolvimento família e escola no desenvolvimento da aprendizagem tem sido assunto de pesquisas principalmente no que se refere ao desenvolvimento cognitivo e social do aluno, no entanto poucas pesquisas apontam estratégias que promovam o aprimoramento e a ampliação dos modelos de relação entre os dois ambientes. Segundo Polonia e Dessen (2005), família e escola são duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos, e podem atuar tanto como propulsores quanto como inibidores do crescimento físico, social e intelectual da criança.

Quanto ao papel da família, Polonia e Dessen (2005) ressaltam que a família pode impulsionar a produtividade escolar e o aproveitamento acadêmico, mas também o seu distanciamento pode provocar o desinteresse e a desvalorização da educação. Embora a família seja apontada como uma das variáveis responsável pelo fracasso escolar é inegável sua contribuição no desenvolvimento da aprendizagem. Desta forma as autoras apontam que os recursos psicológicos, sociais, econômicos e culturais dos pais se tornam aspectos fundamentais para o desenvolvimento humano.

Desta forma para Polonia e Dessen (2005), quando família e escola mantêm boas relações maximizam o desenvolvimento e aprendizado da criança. Para tanto, a escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais auxiliando as famílias a exercerem seu papel na educação.

Percebe-se a importância do trabalho em conjunto entre escola, família e psicólogo, onde, ter conhecimento do fluxo de crianças com dificuldades de aprendizagem, e como ocorre o encaminhamento, diagnóstico, tratamento e devolutiva, para futuros planejamentos, e melhora da qualidade de vida e inclusão destas crianças.

7 MÉTODO

Este estudo teve caráter exploratório misto, utilizando as abordagens quanti e qualitativas, investigando os principais problemas de dificuldades de aprendizagem identificados na escola, suas características de avaliação, diagnóstico e tratamento. A parte quantitativa da pesquisa centrou-se na obtenção de dados sobre encaminhamentos, avaliações e índices de diagnósticos de dificuldades de aprendizagem na realidade estudada. Já a abordagem qualitativa aprofundou-se em tais queixas por meio de entrevistas, buscando a complementaridade entre as duas abordagens, para um maior esclarecimento sobre o problema.

A pesquisa foi realizada, observando os cuidados éticos necessários para toda a pesquisa com seres humanos, tendo o estudo sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade do Oeste de Santa Catarina, e aprovado pelo parecer nº 752.581.

A investigação ocorreu em uma escola pública de um município do oeste catarinense, com quatro professores da rede pública de 1ª a 5ª serie, que tinham alunos com dificuldades de aprendizagem, que haviam sido encaminhados para avaliação psicológica. Também foram entrevistados dois pais/responsáveis por alunos com diagnósticos de dificuldades de aprendizagem e o psicólogo que atua no atendimento de crianças no município. Sendo de fundamental importância o apoio das secretarias de educação e saúde do município. Para as entrevistas foi utilizado um roteiro, previamente testado no projeto piloto. Foram consultados ainda documentos da escola para investigar sobre os encaminhamentos para a avaliação das crianças e retornos das avaliações realizadas, bem como dados obtidos com o psicólogo, sobre os principais diagnósticos, avaliações e encaminhamentos.

A interpretação das entrevistas foi organizada a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Já em relação à pesquisa documental referente aos encaminhamentos para

avaliação das crianças e retornos das avaliações realizadas, foram utilizadas operações estatísticas, sínteses, inferências e a interpretação dos resultados apurados.

8 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os conteúdos das entrevistas foram analisados e organizados em 14 subcategorias, que posteriormente foram agrupadas em 5 categorias, que identificam as formas de encaminhamento, avaliação e diagnóstico, assim como principais queixas relacionadas à aprendizagem, sob a percepção de pais/responsáveis, professores e profissional da Psicologia. Sendo que P1, P2, P3 e P4 representam os professores, M1e A1, representam os pais e PS1 a psicóloga.

A primeira categoria refere-se às **Formas de encaminhamento** que trata da maneira como as crianças com dificuldades de aprendizagem são identificadas e encaminhadas para a avaliação psicológica. A primeira subcategoria desta categoria diz respeito à Observação, quando os professores referiram que este é o primeiro passo para a identificação de alguma forma de dificuldade de aprendizagem, e ocorre em sala de aula, quando o professor observa comportamento e desenvolvimento acadêmico de seu aluno. De acordo com Sampaio (2011), os problemas de aprendizagem se manifestam de diferentes formas dentro da escola, com sintomas divergentes revelando que algo não esta bem. “Primeiro observo em sala de aula, comportamento e rendimento... (P3)”.

A segunda subcategoria, Direção, trata do encaminhamento feito pelos gestores da escola e reflete a importância da direção da escola em acolher as queixas dos professores e intermediar os contatos entre família, escola e psicólogo. “Quando percebo que tem algum comportamento diferente ou dificuldades que não estou conseguindo resolver falo com a direção (P1)” “Então passo para a direção que chama os pais e faz o encaminhamento (P3)”.

A terceira subcategoria refere-se aos Encaminhamentos, a forma como são efetuados e as principais dificuldades com relação a estes, sob o olhar dos professores, pais e psicólogo. Consta nesta subcategoria que após a avaliação da direção e equipe pedagógica, os pais são chamados e encaminhados a procurarem o posto de saúde, a criança ainda passa pela avaliação médica para então ser marcada a consulta com a psicóloga. “Geralmente a diretora já falou o caso com a médica do posto que encaminha para a psicóloga do município... (P4)”. Quando chega ao

profissional psicólogo, os encaminhamentos têm uma breve descrição, porém segundo a psicóloga, "As dificuldades são apresentadas pelos alunos, geralmente com dados insuficientes [...] e outro problema é a sugestão de diagnóstico equivocada (PS1)". Desta forma, segundo Souza (1997), a presença de uma atitude diagnóstica escolar ou preditiva é muito preocupante, em função das consequências que podem trazer para a criança.

A segunda categoria são os **Tipos de queixas,** que partem da dificuldade de encaminhamento para as principais queixas relacionadas às dificuldades de aprendizagem. Com primeira subcategoria está a Reação dos pais, que segundo os dados coletados é uma das principais dificuldades na hora do encaminhamento, pois a criança depende da aceitação e entendimento dos pais para ser encaminhada e dar início ao processo de avaliação e tratamento, porém, o que foi visto é que os pais em sua maioria não aceitam que o filho tenha algum problema. "O mais difícil é a resistência dos pais... (P2)". "Eu tive um grande problema com um pai, um aluno que encaminhei, o pai não entendeu e foi dar queixa que eu estava falando mal do filho dele, então penso para fazer outro encaminhamento... (P2)". De acordo com Souza (1997) os pais são os intermediários entre escola e profissionais da saúde, e para estes o significado de que seu filho devera passar por tratamento psicológico é angustiante, pois principalmente para a população carente tal tratamento ainda esta associado a problemas mentais ou graves "Na visão da maioria dos pais significa uma doença, uma loucura... (PS1)". Outro ponto ressaltado por Souza (1997) é o fato de que muitos pais não compreendem os motivos pelos quais os filhos foram encaminhados. Sampaio (2011) aponta que muitos pais, ao serem chamados pela escola, se chateiam, chegando a tirar o filho desta escola, o que leva a recolocação da criança, perpetuando sua situação.

A segunda subcategoria aponta as Principais Queixas, que dizem respeito a dificuldades de aprendizagem apontadas, sendo estas a falta de atenção e concentração, agressividade, dificuldades com a leitura, matemática e o desenvolvimento das atividades escolares e extraescolares. "Atenção e concentração acho que são as principais... (P1)", "Hum, as principais são concentração e dificuldade em aprender e desenvolver as atividades de sala de aula... (P4)". De acordo com Dockrell e Mcshane (2007), a dificuldade de aprendizagem pode ser específica em uma única matéria como a leitura, ou geral, quando a criança apresenta um aprendizado mais lento em uma série de tarefas. Segundo Souza (1997), a queixa psicológica mais frequente, para

crianças e adolescentes, está diretamente ligada ao processo de escolarização, tendo uma grande demanda para o profissional psicólogo, tanto em unidades de saúde, quanto em consultórios particulares.

A categoria **Medidas tomadas**, demonstra todos os procedimentos realizados em relação às crianças que foram encaminhadas ao atendimento psicológico, para que houvesse uma avaliação, tratamento e melhora do desempenho acadêmico das mesmas. Tendo como primeira subcategoria Encaminhamentos para outros profissionais, tais encaminhamentos são solicitados pelo profissional psicólogo e podem, de acordo com Rotta (2006), englobar pedagogo, pediatra, fonoaudiólogo, neuropediatra, psiquiatra infantil, otorrinolaringologista, oftalmologista, psicólogo, fisioterapeuta, educador especial, terapeuta ocupacional e assistente social, tendo em vista que a par as dificuldades de aprendizagem se faz necessária uma equipe interdisciplinar e multidisciplinar, que possa compreender a criança como um ser global em que todas as situações possam ser tratadas ao mesmo tempo. Constatou-se então que as crianças foram encaminhadas para neurologista e psiquiatra. Sendo que a demora no atendimento é uma das reclamações. "Também pediram esse outro médico, neurologista, mas ainda não fez consulta, era pra outubro agora ficou pra novembro (M1)".

A segunda subcategoria, Processo de avaliação psicológica, demonstra como são realizadas as avaliações psicológicas, o diagnóstico e o tratamento. O atendimento psicológico para crianças com queixas de dificuldade de aprendizagem baseia-se na entrevista inicial e anamnese, aplicação de testes, encaminhamento psicoterapêutico e orientação aos pais (SOUZA, 1997).

De acordo com Cunha (2000), é preciso estabelecer um plano de avaliação, ou seja, programar a administração de instrumentos adequados ao sujeito, como técnicas e testes, para que se possa chegar a respostas, que confirmem ou não as hipóteses diagnósticas. Onde se percebe que devido à grande demanda do posto de saúde os atendimentos são poucos e a duração de tempo de casa sessão também e reduzida, "Ele foi na psicóloga quatro vezes [...] Cada consulta durou uns 20 minutos, nem isso... (A1)". Além de se perceber que não existe uma estrutura quanto ao local adequado com brinquedos e testes disponíveis para uma avaliação infantil: "Nossa unidade de saúde não dispõe de materiais adequados [...] O trabalho fica bastante restrito, sendo que na maioria das vezes se resume a passar algumas orientações para os

pais e professores e materiais para algumas atividades... (PS1)". Resultando na dificuldade para se obter um diagnóstico correto, bem como em manter um tratamento a longo prazo. "Hoje a demanda de crianças com Dificuldades de aprendizagem é muito grande, é preciso profissionais preparados para trabalhar e diagnosticar esses casos... (PS1)".

A terceira categoria é a Devolutiva, que trata de como é feita a devolutiva para pais e professores. Segundo o profissional psicólogo, "devido a grande demanda, nos casos mais urgentes é feita por escrito ao professor que solicitou o atendimento [...] e os familiares eu chamo para explicar (PS1)". No entanto, na percepção de pais e professores haveria uma necessidade de maior esclarecimento, como se pode perceber: "Mas já aconteceu do aluno ir no psicólogo, ter alta e não ficarmos sabendo nada do que aconteceu e o que ele realmente tinha [...] A diretora ficava ligando para a psicóloga pedindo resultados dos alunos e isso fez com que a psicóloga desse retorno, geralmente é uma ficha com dados sobre o diagnóstico, às vezes é por telefone" (P1). Para tal questão é preciso entender que de acordo com Cunha (2000), comunicar os resultados constitui uma unidade essencial do psicodiagnóstico e deve ser repassada a quem de direito, complementando o benefício do paciente, respeitando assim as normas éticas. Para a escola o que interessa é saber o problema de forma especifica e formas de trabalhar, no entanto havendo um psicólogo no contexto escolar pode-se repassar um laudo mais aprofundado, para que este selecione informações necessárias para os professores (CUNHA, 2000). Sendo que, de acordo com Hults ((2009), o princípio ético do respeito ao paciente ou responsável, o direito à informação prévia e devolução.

A quarta categoria **Medidas necessárias,** aponta para medidas que seriam necessárias, dentre as principais dificuldades encontradas, sobre formas de trabalho e acesso ao tratamento, que visem a uma melhor qualidade de vida para essas crianças, sendo a primeira subcategoria o Diagnóstico. Percebeu-se nesta investigação a ausência de um diagnóstico preciso, que permita buscar meios tanto do profissional psicólogo quanto da escola e pais, para se trabalhar de forma efetiva com essa criança, compreendendo assim suas reais dificuldades para a partir deste auxiliar no desenvolvimento de sua potencialidade. "Também tem o trabalho, se a gente sabe qual o problema e tem um diagnóstico podemos procurar um jeito de trabalhar melhor, ajudar essa criança (P1)", "É importante saber o que a criança realmente tem porque ai poderia planejar atividades adequadas e aprender mais sobre o problema. (P4)". De acordo com Papalia, Olds e

Feldman (2009), crianças com problema de aprendizagem, muitas vezes têm inteligência média ou acima da média, porém, parecem ter problemas no processamento da informação, fato que pode ter vários fatores e causas, pois nem todas que têm dificuldades de aprendizagem, necessariamente têm distúrbios de aprendizagem.

Diante desta convergência da importância de um diagnóstico, o profissional psicólogo destaca que... "Para traçar um plano terapêutico com o máximo de precisão possível, o diagnóstico é importantíssimo já que consiste num ponto de partida para orientação de um tratamento adequado (PS1)". Porém, a pesquisa aponta que este diagnóstico preciso não tem sido feito. "O diagnóstico vem escrito, com os resultados, mas isso quando existe um diagnóstico (P4)", "A psicóloga depois das quatro consultas falou que agora era com a médica, mas também não explicou o que ele tem (A1)".

A segunda subcategoria é a Necessidade, que abrange o que professores, pais e profissional psicólogo acreditam ser necessário para que se possa trabalhar de forma efetiva com essas crianças. Estes acreditam que é preciso maior esclarecimento sobre os casos, tendo em mãos um diagnóstico preciso, esclarecer como pais e escola podem trabalhar, como se expressa essa entrevistada... "Penso que se a gente sabe mais, eu e meu marido, a gente queria entender o que precisa fazer em casa pra ajudar ele não ficar assim tão revoltoso (A1)". Quanto às professores, apontam para a necessidade de cursos, explicações mais aprofundadas sobre as principais dificuldades de aprendizagem e a forma pedagogia de trabalhar com essas crianças: "Se o psicólogo desse sugestões, explicasse cada caso, poderíamos fazer um trabalho diferenciado (P1)", "Deveria ter mais cursos, eu atuo como segunda professora, cursos para ensinar sobre as dificuldades (P3)".Souza (1997) aponta que a maioria dos psicólogos não sabe a força que tem um diagnóstico ou um laudo de dificuldades de aprendizagem no meio escolar, pois muitas vezes esse laudo é visto como algo definitivo, o que pode reforçar a estigmatização do aluno.

Como terceira subcategoria, está o Psicólogo na escola, que demonstra a percepção de pais, professores e psicólogo sobre o papel do psicólogo dentro da escola e da importância do mesmo neste contexto. Neste ponto, para os professores o papel deste profissional, nos casos de dificuldades de aprendizagem, seria o de observar o desenvolvimento da criança e trazer alternativas possíveis, esclarecimentos, sugestões, assim como, orientar e conscientizar os pais

sobre as necessidades da criança: “Como já falei, um acompanhamento e a psicóloga estar na escola, ver como a criança está, sugerir atividades e explicar o que ela tem e o que podemos fazer diferente (P2)”, “Acredito que deveria ter mais contato entre o professor e o psicólogo (P3)”. Todos concordam com a importância do profissional psicólogo na escola: “A presença de profissionais da Psicologia na escola pode identificar precocemente os alunos com dificuldades de aprendizagem o que auxilia no impacto a longo prazo (PS1)”.

Neste contexto, Andaló (1984) aponta o papel do psicólogo escolar como sendo de um agente de mudanças, que se beneficia das contribuições da Psicologia Clínica e Acadêmica, atuando como um elemento catalisador de reflexões e conscientizador dos papéis ali representados. Buscando desfocar a atenção do aluno como única fonte de dificuldades, focando na instituição de forma global, considerando todos os seus aspectos, encontrando alternativas para enfrentar os problemas (ANDALÓ, 1984).

A quinta categoria, **Consequências no contexto escolar e social**, aponta a percepção de pais/responsáveis, professores e profissional psicólogo quanto às consequências que esta falta de diagnóstico e/ou tratamento adequado pode trazer, assim como suas expectativas e medos frente ao problema: “Penso que se continuar assim, quando crescer ele vai bater nos pais também se não tiver o que quer... (A1)”, “A professora da creche quando ela tinha três anos, já falou que ela não se concentrava parecia que ficava voando na sala, sem prestar atenção, agora ta prejudicando na escola e se atrasando (M1)”. O resultado também aponta um olhar sobre a inclusão dessas crianças e as principais dificuldades: “Então sinto que as outras crianças estão prontas para avançar, para mais conteúdos, mas tem que esperar esses que estão atrasados (P1)”, “Humm... eu penso que, quando tenho que trabalhar com o aluno de forma diferente, se ajudo mais ele já estou diferenciando dos outros, mas também se eu trabalhar com todos igual então não vou conseguir ajudar esse aluno que tem dificuldade, e não posso me omitir (P3)”.Nesse sentido, foi apontado como solução o reforço escolar e novas técnicas de trabalho: “Acho que seria bom um apoio fora da sala, com reforço, trabalho extraescolar e mais tempo para planejar as atividades desses alunos (P4)”.

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2010), a escola é a maior experiência de formação e afeta todos os aspectos do desenvolvimento humano, sendo que, é na escola que as crianças adquirem o conhecimento, habilidades e competência social. Assim, de acordo com os autores os

primeiros anos de escola são críticos para a formação de uma base que determinará futuros sucessos ou fracassos.

Os autores apontam também para o fato de que a criança precisa se envolver com o que acontece em sala de aula, sendo que, quanto mais satisfeitos com relação a suas habilidades acadêmicas, possuem maior envolvimento, se tornando mais autoconfiantes, desta maneira, segundo os autores, interesse, participação e atenção positivas estão diretamente ligadas aos bons resultados nos exames, influenciados pelas notas.

A Tabela 1 confirma os dados analisados nas entrevistas, quanto ao processo de avaliação, e a ausência de diagnóstico, onde podem ser acrescentados alguns elementos, como o fato de que a criança encaminhada ao neurologista no ano de 2014 não compareceu ao atendimento pelo motivo de que os pais não concordaram com tal encaminhamento, acreditando ser desnecessário. Constando o número de encaminhamentos para psicólogo e outros profissionais e avaliações realizadas no período de 2013 a julho de 2014.

TABELA 1 – NÚMERO DE ATENDIMENTOS COLETADOS NA ESCOLA MUNICIPAL, QUE POSSUI 139 ALUNOS, DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

	2013	**2014**
Encaminhamentos Psicológicos	05	05
Encaminhamentos Neuropediatra	02	01
Avaliações Psicológicas	05	05
Avaliações Neuropediatra	02	00
Diagnósticos	00	00

As Tabelas 2 e 3 refletem os encaminhamentos na unidade básica de saúde em 2013. Vale ressaltar que durante o período de realização deste estudo houve troca do profissional de Psicologia nesta unidade, sendo que o local ficou certo tempo sem atendimento psicológico, acarretando atraso nos atendimentos. Os resultados revelam que o maior número de atendimentos por idade está na faixa etária de 09 a 11 anos, seguidos dos 12 aos 15 anos. De acordo com Souza (1997), os problemas com a aprendizagem se apresentam não somente no início de processo de alfabetização como em sua continuidade. As principais queixas

identificadas foram: dificuldades de aprendizagem, agressividade, mau comportamento, hiperatividade e dificuldade de socialização.

TABELA 2 – NÚMERO DE ENCAMINHAMENTOS REGISTRADOS NA UNIDADE DE SAÚDE DO MUNICÍPIO, NO ANO DE 2013, POR IDADE

Idade	**Quantidade por idade**
06 a 08 anos	05
09 a 11 anos	11
12 a 15 anos	09

TABELA 3 – NÚMERO DE ENCAMINHAMENTOS REGISTRADOS NA UNIDADE DE SAÚDE DO MUNICÍPIO NO ANO DE 2013, REFERENTE ÀS PRINCIPAIS QUEIXAS.

Principais queixas	**Quantidade por queixas**
Dificuldades de aprendizagem	14
Agressividade	05
Mau comportamento	03
Hiperatividade	02
Dificuldade de socialização	01
Atraso cognitivo	01

Desta foram, as pesquisas quantitativas confirmaram os dados levantados nas entrevistas, mostrando que ainda existe um caminho a ser percorrido para que se obtenha um atendimento mais rápido e efetivo, que traga uma mudança mais imediata na qualidade de vida dessas crianças, pois a longo prazo o problema tende a se agravar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu conhecer mais sobre a identificação, avaliação e tratamento de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, sob a percepção de professores, pais/responsáveis e do profissional psicólogo. Mostra um panorama de como ocorre o processo de avaliação, as principais queixas, medidas tomadas e medidas necessárias para que se possa atuar de forma assertiva nestes casos, no município.

Constatou-se que é grande a demanda de crianças e adolescente com dificuldades de aprendizagem, e que ainda existe um longo caminho a ser percorrido para a melhoria na qualidade de atendimento. Percebeu-se fundamental a colaboração da unidade de saúde do município, que presta os atendimentos e que forneceu dados para se mapear essa demanda.

Dessa forma, foi possível investigar o fluxo dos encaminhamentos e as principais queixas relacionadas à aprendizagem, analisando a influência da avaliação das queixas no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Tendo em vista a importância do encaminhamento, avaliação e diagnóstico, bem como o tratamento e as medidas necessárias para o desenvolvimento escolar e social desta criança, e consequentemente sua inclusão.

Entre os principais pontos destacados nos resultados está a reação negativa dos pais, já que estes são o elo entre escola e psicólogo. Percebeu-se a necessidade de maiores esclarecimentos, trabalhar com esses pais e professores a necessidade de apoiar a criança, buscando sua melhora. Outro ponto importante é a ausência de diagnóstico, apontado pelos professores como uma das causas da dificuldade de se trabalhar com essas crianças de forma mais específica, bem como a falta de conhecimentos específicos por parte dos professores, para que possam desenvolver atividades compatíveis com a necessidade da criança.

Nesse estudo foi ressaltada também a importância da presença do psicólogo no contexto escolar, como agente de mudanças, para auxiliar no processo ensino aprendizagem, buscando novas soluções e estratégias para as dificuldades de aprendizagem e também para as outras situações presentes no ambiente escolar.

Os resultados obtidos mostram uma realidade, podendo contribuir para a implantação de programas e estratégias de mudança, tanto no sistema educacional, através do aperfeiçoamento de professores, quanto na saúde pública, que auxiliem a melhora de qualidade de vida das crianças que enfrentam tal situação.

LEARNING DIFFICULTIES: IDENTIFICATION, EVALUATION AND TREATMENT

Abstract: Grow referrals of children with learning disorders and learning disabilities to psychological care. This paper reports an investigation in this context, in order to contribute to the flow identification and the consequences on the development and learning of children. A quantitative-qualitative approach with exploration design, descriptive and data collection was adopted. The subjects were four public school teachers published in early grades, two parents / guardians with children in psychological treatment, and Professional Psychology active in this area. Data were collected through semi-structured interviews and document research. As a result we identified the importance of the diagnosis, which depending on the demand and network structure is not always identified, and the need for clarification to parents about the importance of adequate treatment, and the need for integration between teachers, parents and professionals, ensuring the real inclusion.

Keywords: Learning difficulties. Diagnosis. Psychological Assessment. Psychological Treatment. Inclusion.

REFÊRENCIAS

ANDALÓ, Carmem Silva de Arruda. O papel do psicólogo escolar. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.4, n. 1, p. 43-46, 1984.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOCK, Ana Maria Mercês; FURTADO, Odair; Teixeira, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias:** Uma introdução ao estudo de psicologia. 14ª Ed. São Paulo: Saraiva. 2008.

CARVALHO. Rosita Edler. **Removendo as Barreiras para a aprendizagem**: educação inclusiva. 10ª ed. Porto Alegre: Mediação. 2011.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico-V.** 5ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2000.

DOCKRELL, Julie. MCSHANE, John. **Crianças com dificuldades de aprendizagem:** uma abordagem cognitiva. Porto Alegre: Artmed. 2007

ENRICONE, Jacqueline R. B.; GOLDBERG, Karla. **Necessidades Educativas Especiais**. Erechim: Edifapes, 2007.

FONSECA, Victor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda. 1984

FURTADO, Júlio Cesar. Entender como se aprende para aprender como se ensina. In.: WAJNSZTEJN, Alessandra C. et al. **Desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem escolar:** o que o professor deve dominar para ensinar bem? Curitiba: Melo, 2010.

HUTS, Claudio Simon. **Avanços e polemicas em avaliação psicológica:** em homenagem a Jurema Alcides Cunha. São Paulo. Casa do psicólogo. 2013.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 10ª Ed. Porto Alegre: ABDR. 2010.

PIAGET, Jean. **A construção do real da criança**; 3ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 2, p. 3003-312, 2005.

ROTTA, Newra T; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos S. **Transtornos da Aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem:** a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**.** 3ª Ed. Rio de Janeiro. Wak Ed. 2011.

SANTOS, Luciana Carla dos; MARTURANO, Edna Maria. Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v.12 n.2, Porto Alegre, 1999.

STEVANATO, Indira Siqueira. et al. Autoconceito de crianças com dificuldade de aprendizagem e problema de comportamento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, 2003.

SISTO, Fermino Fernandes. et al. **Crianças com dificuldade de aprendizagem:** um estudo de seguimento. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUZA, Marilene P. R. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: MACHADO, Adriana M.; SOUZA, Marilene Proença R. de S. (Orgs.) **Psicologia Escolar**: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo. Martin fontes – Selo Martins. 2007.